

DO VAZIO AO QUESTIONAMENTO: UMA LEITURA SOBRE O COTIDIANO NA OBRA OLÍVIO, DE SANTIAGO NAZARIAN

Emily Cristina dos Ouros¹⁰

*Tu vives: apenas,
sem saber por quê,
como, pra quê*

(Carlos Drummond de Andrade, in: *A rosa do povo*)

Resumo: O presente artigo pretende apresentar uma leitura sobre o romance *Olívio* (2003) de Santiago Nazarian considerando a perspectiva do cotidiano nas grandes metrópoles. Buscaremos entender em que medida a distância criada entre o personagem e sua realidade deixa entrever uma série de valores da sociedade atual que não podem ser julgados apenas sob a ótica pós-moderna.

Palavras - chave: Nazarian; Santiago; Olívio; cotidiano; vazio.

Abstract: This article present a reading on the novel *Oliver* (2003) Santiago Nazarian considering the perspective of quotidian life in big cities. We seek to better understand how the distance between character and reality suggests a series of values of today's society that can not be judged only from the perspective postmodern.

Key -Words: Nazarian; Santiago; Olívio; quotidian; emptiness.

Introdução

Dentro e fora dos espaços de reprodução habituais, boa parte da literatura brasileira produzida nos dias de hoje tem se utilizado de diferentes gêneros para cada vez mais preencher os espaços ímpares e heterogêneos do mundo contemporâneo literário. Além disso, tais obras também têm continuamente desafiado os modos e métodos através dos quais a crítica sempre procurou observá-las. Um consenso presente em parte da crítica atual,

¹⁰ Mestranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP.



muito possivelmente não definitivo, reside na ideia de que uma grande parcela das teorias modernas de literatura quando lançada sobre o material produzido pelo presente século não se mostra mais eficaz. E ainda que esse movimento não represente uma mudança absolutamente radical, talvez seja preciso reconhecer que novos horizontes (e escritores) estão em formação. E que seus textos produzem e recorrem a diferentes formas para refletir ou explorar questões cada vez mais singulares da nova era.

O romance *Olívio* (2003, 142p.), de Santiago Nazarian, surge em meio às atividades de escrita irrompidas por este tipo de reflexão. Longe de inaugurar uma extrema ruptura estética, ou ainda de se apresentar como obra nascida exclusivamente pelo pós-modernismo, o livro inaugural do autor se destaca pelo caminho da suposta normalidade à suposta anormalidade constituída na desconexão com o cotidiano. Tal trajetória, que aparentemente discorre pelas letras de um romance, passa a pontuar reflexões e situações que fogem ao controle do narrador e até mesmo do próprio personagem, ao marcar passos inovadores na relação entre o sujeito e aquilo que ele acredita ser real.

Olívio vivia sua vida pacata e monótona numa grande cidade. Tinha um trabalho e uma noiva. E praticamente não se importava com o resto. Até que um dia, algumas coisas começam a parecer dar errado, levando o personagem a enxergar sua rotina traída pelas atividades do acaso. Sua noiva, Rosalina, abandona-o após uma decepção durante a tentativa de concretizar um ato sexual. No dia seguinte, Olívio não consegue mais deixar suas roupas para lavar no tempo que havia previsto e chega atrasado na empresa onde trabalha. No terceiro dia, o excesso de álcool ingerido na véspera faz o personagem acordar muito depois do horário habitual, perdendo definitivamente aquele dia de trabalho.

A desconexão dos afazeres habituais passa a se realizar aos poucos. E em determinado momento, o suicídio de uma prostituta com quem Olívio havia



se relacionado, muda sua vida completamente. Tal reviravolta traz ao personagem um interesse repentino em entender como funcionam as coisas, em se perguntar por que e de onde os acontecimentos surgem, além de passar a questionar como essa mudança teria acontecido com ele mesmo. Em resumo, é após essa virada inesperada que o personagem passa a se importar com os acontecimentos do mundo onde vive.

Este artigo propõe uma leitura entre o romance de Nazarian e algumas questões da vida cotidiana nas grandes metrópoles. Pretendemos ilustrar a maneira como a trajetória de mudança do personagem pode representar duas linhas de pensamento da sociedade contemporânea: a opção de aceitar e de se deixar levar pela violência da rotina, do trabalho e do mal estar produzido nas relações estabelecidas pelo livre mercado; ou ainda, a opção de tentar fugir de cada um desses valores e ideais impostos pela vida social no atual século, dando vazão às atitudes e escolhas que parecem estar à margem das relações sociais. Diante destas duas guias de raciocínio, buscaremos observar aqui como Olívio representa uma complexa reflexão sobre as maneiras e dificuldades de olharmos para o cotidiano sem nos deixarmos confundir com ilusões de nossos próprios reflexos.

A Corrida Inerte

A escrita de Nazarian em *Olívio* coloca num mesmo espaço presente, passado e possibilidade. Ao mesmo tempo em que observamos uma ação marcadamente desenvolvida pelo personagem, o narrador nos revela fatos da vida passada responsáveis por construir a imagem do sujeito vazio e inerte que o protagonista representa.

Essa composição, marcada por ações que repetidamente enfatizam seus hábitos cotidianos, passa a compor o espetáculo de um sujeito que segue sua vida e que não se preocupa em refletir sobre cada uma de suas atividades.



Em determinados momentos, observamos um homem estático cuja vida é recriada por um narrador que também não possui interesse nenhum em problematizar cada um desses passos. Vejamos abaixo a passagem na qual tomamos conhecimento da relação entre Olívio e seu trabalho:

Assim, nunca iria longe, mas se sentia satisfeito. Realizava suas funções, ganhava seu salário, construía suas pontes entre o cotidiano e a felicidade. Construía sua ponte entre a semana e os fins. Construía sua ponte entre a vida de solteiro e um casamento. E uma vida honesta. Era o que queria.

(NAZARIAN, 2003, p. 21)

O excerto demonstra a ausência de empenho ou necessidade de se refletir criticamente sobre esta rotina. A repetição de frases, largamente utilizada no livro, reforça a monotonia de não se considerar necessário passar para um estágio além do momento presente. Não há nenhuma colocação ou indício de que esta rotina seja um mal estar. Tanto personagem como narrador permanecem absorvidos por uma lógica que muitos de nós conhecemos: a inserção no dia a dia sem que se possa dele escapar, seja no âmbito da ação ou da própria razão. Toda e qualquer inquietação que este trecho revele surge exclusivamente da ironia presente na interpretação do personagem e do mundo atual.

Além disso, é possível pensar que esta lógica de assimilação por completo de narrador e personagem dentro da rotina construída no texto pode se referir a uma nova relação entre protagonistas e espaços no gênero do romance. Se numa perspectiva habitual conseguíamos rapidamente identificar entre expressões no narrador, discursos indiretos livres e reflexões do personagem o lugar quase exato onde residia o mal estar que cada construção literária nos proporcionava, aqui, de maneira diferente, assistimos a composições nas quais todos os elementos da narrativa estão absolutamente imersos no cotidiano que apenas se repete. Caso o romance terminasse nessas linhas, teríamos em mãos apenas a representação de uma sociedade



completamente fechada em sua lógica de livre arbítrio e livre mercado, tendo como acompanhante – com já dissemos – a ironia produzida no contato com tal violência.

Outro item que ajuda a reforçar o princípio de manutenção dessa lógica é o modo empregado pelo autor na construção dos capítulos. Tecidos a partir da interação entre Olívio e diferentes pessoas (familiares, amigos, desconhecidos), cada parte do romance recebe o nome de uma dessas outras vozes. E é justamente no contato com estes relacionamentos que podemos visualizar – além de outras tantas questões de que falaremos posteriormente – o interesse na manutenção da rotina de Olívio. Os trechos abaixo se referem ao encontro do protagonista com sua noiva – ocasião na qual ele não conseguira concretizar uma relação amorosa –; e também com Seu Agenor, dono da padaria localizada ao lado do edifício onde Olívio morava.

Assim foi na primeira vez. Na segunda também. E na segunda Rosalina catou suas coisas e foi embora. Na segunda Rosalina perdeu a paciência. “Assim não dá, Olívio. Quero um noivo funcionando, um marido sem defeito!” Olívio lamentou e deu dinheiro para ela pegar um táxi. Ela bateu a porta. Ele ligou a televisão. (NAZARIAN, 2003, p. 9)

Olívio acordava todos os dias no mesmo horário. Fosse mais cedo ou mais tarde, era sempre o mesmo horário de ir trabalhar. E de deixar as roupas com Dona Jussara. E de tomar café na padaria do Seu Agenor, um senhor nos seus sessenta anos bem pesados. Em camisa, bigode e voz grossa. Cortesia. Sete bons-dias por semana. Olívio cumprimentava. Olívio pedia. Olívio comia pão e café apressado. (NAZARIAN, 2003, p. 31)

Nas descrições das duas cenas vividas por Olívio novamente não é possível notar nenhum tipo de reação reflexiva em relação ao que acontece. Na primeira passagem, a situação que poderia ser constrangedora para muitos, é tomada por Olívio e descrita pelo narrador como um acontecimento natural. O protagonista não esboça nenhum tipo de descontentamento ou incômodo diante daquela situação.



O segundo trecho registra magistralmente a construção do cotidiano de Olívio a partir da descrição de ações sequenciais mais uma vez apresentadas por meio de figuras anafóricas. Este procedimento novamente nos remete a ideia de um ciclo que se repete cuja dinâmica não possibilita a entrada de qualquer elemento que lhe seja exterior. Tudo o que nasce na rotina de Olívio já é de antemão parte dela.

O primor com que cada uma dessas descrições é realizada parece conduzir o personagem a um estado de indiferença praticamente permanente. Esse ingrediente, muito bem construído na primeira parte do livro, intitulado *A roupa suja*, é essencial para que possamos observar por qual caminho o protagonista começará a se desconectar de sua realidade.

As próximas etapas deste trabalho se ocuparão em demonstrar e explorar sob qual ponto de vista o sujeito inerte representado na figura de Olívio assume a reflexão que faz de suas ações e atitudes. Seria essa uma reflexão de todos os seres na vida urbana atual? É realmente possível não se identificar com a apatia perene que povoa as relações sociais, uma vez que ela centra todos os esforços na defesa absoluta dos interesses individuais?

A preguiça e o vazio – Do ciclo vicioso à espiralidade tumultuada

Na leitura dos primeiros capítulos de Olívio, um dos traços mais marcantes e recorrentes que pode ser notado é a referência à possibilidade de ações que não são concretizadas, impostas a partir da repetição exaustiva do futuro do pretérito pelo narrador. É diante dessas construções que tomamos contato com as reflexões que Olívio faz de sua vida e de sua relação com aqueles que o cercam. Tomemos como exemplo novamente um trecho do primeiro capítulo no qual Rosalina abandona-o:

Pensou em ligar para Rosalina. Na madrugada, sua voz seria mais macia e aconchegante, e ele conseguiria dizer tudo o que precisava



para mantê-la apaixonada. Veja só, se o amor não é muito mais que isso. Se o amor não é muito mais do que uma queda, ou duas. Mas agora era tarde demais e Rosalina já estaria dormindo. E a mãe de Rosalina ficaria assustada. E ele teria de arrumar um ótimo pretexto. E ele não poderia dizer que era apenas amor, amor derramado. Ele teria de se esforçar muito mais. Então continuou vendo televisão. (NAZARIAN, 2003, p. 10)

O trecho acima nos permite visualizar uma enorme fadiga do personagem em relação a sua noiva. A própria conceituação sobre o amor como algo tão inexpressivo e banal reforça a preguiça que Olívio desenvolve sobre as pessoas e as coisas. Em seus pensamentos, não se é possível notar nada além que uma desmotivação em concretizar as diversas possibilidades de ação que passam em sua cabeça.

Possivelmente nos deparamos aqui com um sujeito altamente desinteressado de sua experiência. Neste exemplo, todo e qualquer esforço de alteração reflexiva se apresenta como uma medida descartável, desnecessária e inútil no contato com outras pessoas. Com isso, Olívio representa uma completa indiferença à vida, uma vez que tanto suas reflexões como ações nos levam diretamente à construção de um sujeito vazio de ideias e atitudes que apenas habita o mundo. Se nos apoiarmos numa concepção nietzschiana, o comportamento do personagem pode ser o um exemplo máximo do que o filósofo afirmava ser o último homem da civilização, como nos conta Brito (2012, p.1):

O último-homem é aquele tipo que não se mostra, não pergunta, não se insinua, não provoca, que parece contente com sua degeneração, que fica extasiado pela felicidade imediata e não sente nenhuma vertigem diante da “barbárie civilizada”. Portanto, o risco do último-homem é a possibilidade de se atingir a fase mais terrível, que seria a vontade de nada, a ausência de todo amor e anseio que o homem possa ter.

Chegamos aqui em uma das primeiras linhas de pensamento propostas neste trabalho: a possibilidade de pensar a figura de Olívio como metáfora não de um sujeito mergulhado numa crise existencial cujo confronto estaria entre si



e seu espírito, mas sim como metáfora de um sujeito que não enxerga crise nenhuma no ambiente onde se estabelece. É precisamente, como diz Brito ao citar Nietzsche, o risco de não sentir vertigem alguma no contato com a “barbárie civilizada”.

Se tomarmos como exemplo para reflexão um dos teóricos que defendem a existência de uma época pós-moderna, é possível pensarmos que a relação do protagonista com o mundo onde vive se estende a todos os homens do mundo contemporâneo. Segundo Bauman (1989, p.3) as atitudes de indiferença e esvaziamento dos sujeitos não se tratam de uma escolha: para o filósofo elas são a cara e a cor de uma época:

A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso me inelutável. A sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria ou projeto histórico mobilizador; doravante o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse.

Na ótica de Bauman, cada uma das áreas da vida social estaria fadada ao esvaziamento por completo. Não haveria saída ou até mesmo possibilidade de alterar tais os modos de vida na atualidade. Desse modo, Olívio seria o representante em estágio avançado do sujeito produzido por uma era onde o maniqueísmo não se constitui, pois seria impossível estabelecer uma sensibilidade pura capaz de julgar o outro sem se confundir com seus próprios interesses.

Essa dinâmica, que aparentemente parece levar abaixo qualquer outra possibilidade de sentido para o sujeito representado por Olívio, também pode ser vista sob uma perspectiva mais afastada, na qual se considera que a reflexão sobre a vida atual proposta por Bauman pode ser confortável demais para nossa



época, uma vez que tal constatação pode nos levar a manter em vigor alguns valores do mundo contemporâneo, impedindo que estes sejam questionados.

Isso quer dizer que, embora seja evidente pensar a monotonia e a indiferença do protagonista como ideias mergulhadas num mar de superficialidades originário desta última época, é preciso ponderar também que a aceitação de tal perspectiva pode permitir a manutenção de milhares de valores consensuais que podem defender interesses de classes ou grupos dominantes. A concepção sobre esse novo modo de pensar a vida das civilizações é defendida por Vladimir Safatle (2012, p 52) em dois momentos diferentes. O primeiro deles se apresenta na afirmação sobre a inexistência de uma época pós-moderna:

Longe de um conceito descritivo, que visaria individualizar estilos e épocas, o que temos é um conceito valorativo que procura afirmar um estado de coisas no qual as aspirações críticas do modernismo pareciam ter perdido força. Ele era a peça central na tentativa em transformar a deposição da força crítica da arte em afirmação descomplexada da cumplicidade entre arte e ordem estabelecida. (SAFATLE, 2012, p. 52).

A partir da definição proposta por Safatle, a defesa de uma época pós-moderna – ou ainda de um sujeito pós-moderno – pode ter uma força irreparável de consumir os estados das coisas transformando todas as propostas críticas em argumentos menores, esvaziados da possibilidade de mudança. Ou seja, o pensamento pós-moderno, na visão do filósofo brasileiro, seria também um conceito que dá valor a determinados objetos, mas não é capaz de descrevê-los ou compreendê-los de maneira complexa.

Outra contribuição de Safatle (2012, p. 52) que pode ser interessante para pensarmos a maneira como Olívio se mantém nessa primeira parte do livro emerge de uma visão política sobre as ações dos indivíduos. Segundo ele, pensar que o tempo ao qual estamos submetidos não é passível de nenhuma



mudança, reforça a validade dos preceitos e mecanismos defendidos por quem já ocupa o lugar dominante:

Assim, somos apresentados à cartilha do passado, que cheira ao enxofre da destruição, e do futuro, que não pode ser muito diferente daquilo que já existe. Talvez seja o caso então, de dizer que tudo o que, brandos ou não, os defensores de tal cartilha conseguirão é bloquear nossa capacidade de agir a partir de uma humanidade que está por vir, acostumar-nos com um presente no qual ninguém acredita e do qual muitos já se cansaram. Ou seja, elevar o medo a afeto central da política. (SAFATLE, 2012, p. 52).

Diante de todas essas acepções, podemos pensar que o sujeito representado na figura de Olívio realmente se relaciona com uma época na qual as esperanças parecem ter perdido sua validade, ou ainda, um período em que todos os indivíduos estariam sujeitos a se conformarem com sua atual situação. Entretanto, tal sistemática pode ser minuciosamente perigosa, uma vez que ela condensa situações diferentes, e até mesmo críticas, num caldeirão de impossibilidades de mudança.

Nas próximas etapas deste trabalho, veremos que a questão levantada por Safatle começa a fazer muito mais sentido a partir do momento em que a situação monótona de preguiça e indiferença expressada pelo protagonista passa a mudar de direção. A desconexão com a rotina e o contato com situações inesperadas ou inexplicáveis podem alterar por completo a situação do sujeito contemporâneo, deixando entrever que mesmo a sociedade mais condenada ao fracasso e ao fatalismo, pode ter seus valores questionados quando um dos sujeitos rompe a órbita do seu cotidiano.

A problematização do real – Nascimento do fantástico

Antes de entrarmos nas discussões sobre a maneira com a qual um personagem se desprende de seu cotidiano e sobre em que medida cada um de seus passos começam a seguir rotas nunca programadas, pode ser interessante chamarmos atenção para alguns pontos sobre a questão da normalidade e seu



tratamento no âmbito literário. Estabelecer um contraponto entre a realidade esperada e classificada como comum para uma sociedade e as atitudes do personagem enquanto sujeito que passa a não obedecer tais leis, mostra-se uma tarefa importante, uma vez que os conceitos de realidade e normalidade podem, na verdade, funcionar como mecanismos representantes dos interesses de determinados grupos. E ainda que parte da filosofia contemporânea inaugurada por Nietzsche nos diga que o questionamento de valores se afigura como item comum e inerente à nova era, é preciso reconhecer que mascaramentos e ilusões ainda se fazem presentes em nossos tempos e em nossas produções literárias.

A clássica ruptura ou quebra de paradigma entre a verossimilhança tão presente nos romances realistas do século XIX e também do século XX começou a ser observada com a publicação de diferentes textos do gênero fantástico. Foi a partir da inserção de figuras do imaginário, do sobrenatural e também do inesperado aliadas a situações completamente cotidianas que esse novo gênero passou a ganhar a pena de muitos autores. Tal movimento foi crucial para que pudéssemos compreender que a reflexão extraída unicamente até então a partir da verossimilhança poderia não abarcar todas as questões sobre sujeito e mundo propostas por um escritor. A partir da literatura fantástica, foi possível refletir sobre os modos como se produziam os valores numa sociedade, além da possibilidade se enxergar como princípios que antes pareciam ser inatingíveis também apresentavam controvérsias e problemas em suas definições. A aceção de Bastos nos ajuda a entender esta lógica:

O fantástico questiona nosso gesto cotidiano de dissolver o inquietante no familiar, ou seja, o gesto de naturalização da ideologia.[...] (BASTOS, 2001, p. 27)

Ele problematiza sem desfazer, os parâmetros e códigos culturais do real e do imaginário, desestabiliza os critérios da operação que estabelece as fronteiras. (BASTOS, 2001, p.25)



A partir dessas reflexões podemos enxergar de que maneira o conceito de normalidade diretamente associado à realidade pode ser problemático, pois que ele sempre estará imerso em valores ou ideologias cujos propósitos sejam de fazer valer interesses de grupos determinados ou dominantes.

Na literatura fantástica podemos observar claramente em quais personagens ou situações toda a contradição de valores sobre o real se estabelece. Nestes textos conseguimos identificar sem grandes dificuldades onde e de que maneira o descompasso acontece, quando este não é dado de antemão ou quando não se apresenta na figura do protagonista. De maneira semelhante, mas partindo de outra lógica, dá-se a contradição de valores estabelecida na desconexão de Olívio com seu cotidiano. Veremos como – sem necessariamente passar pelas alegorias do sobrenatural ou do imaginário – Olívio também é responsável por gerar um questionamento dos valores, uma vez que sua trajetória de mudança nos deixa entrever como a percepção do que julgamos ser normal também está ameaçada.

Fora do controle

A mudança da rotina de Olívio começa a ser percebida aos poucos pelo leitor. Como já dissemos, ao mesmo tempo em que o narrador nos expõe aos acontecimentos da vida do protagonista, somos informados também das atividades habituais realizadas pelo personagem. Inicialmente, as alterações da rotina não são nem percebidas por Olívio e nem por ele levadas a sério. Observemos abaixo o momento em que o personagem descobre ter acordado tarde demais para ir ao trabalho:

Acordou quase na hora do almoço. Acordava com o ronco do seu estômago e demorou algum tempo para perceber que não se tratava de um sonho. Se virou na cama, virou seus olhos para o relógio e tentou adivinhar o que acontecera de errado.

Mas agradeceu. Agradeceu por ter ido dormir cedo, de qualquer forma. Foi bom dormir até mais tarde. Agradeceu por ter caído no



sono antes de qualquer besteira. Antes de bater na porta. Antes de chamar Lorena. Antes de acordar com os restos da noite anterior pra varrer. Ele acordava sozinho. Sem ressaca. Bem dormido. E não tinha do que se arrepender, apenas explicações a dar. Explicações a seus chefes, por ter se atrasado para o trabalho. (NAZARIAN, 2003, p. 37).

O trecho acima nos permite observar que a alteração das atividades habituais não foi sentida por Olívio com abalo. Ao contrário, o personagem rapidamente se adapta a essa nova situação, refletido que tal mudança fora até mesmo boa e não lhe traria problemas. É a partir de atitudes como estas que o protagonista passará a mergulhar num mar de modificações. E tais variações começarão a deixar rastros responsáveis por transtornar a vida do personagem por completo.

Num momento posterior, Olívio – que já tinha perdido a hora de ir trabalhar – resolve procurar por sua noiva Rosalina. O personagem se dirige a um ponto e toma um ônibus a fim de chegar na papelaria onde sua amada trabalhava. Dentro do coletivo, incomodado com uma garotinha que não tirava os olhos dele, Olívio aproveita a distração da menina durante uma freada brusca para descer do ônibus. O trajeto até Rosalina que, de modo geral, deveria continuar como um hábito banal num ambiente urbano, não se mostra tão familiar para o protagonista:

Gastou algum tempo tentando descobrir onde descera. Um toldo conhecido. Uma rua transversal. Uma praça famosa. Rearranjava os elementos em sua mente para formar o mapa do tesouro até Rosalina. Mas não saía do lugar. Os toldos eram todos iguais, enquanto não chovia. E a praça começa a não ser exatamente aquela, sem nenhuma mão para segurar. A rua transversal talvez fosse outra. As ruas mudam de lugar com o movimento da população. E a população se movimentava em grandes quantidades. Talvez movimentando-se também, poderia encontrar Rosalina, num toldo conhecido, numa rua transversal. (NAZARIAN, 2003, p.46)

Diferentemente do primeiro excerto – no qual a situação reconhecida como inabitual pelo próprio personagem não lhe traria problemas – o estado



vivido pelo protagonista ao descer do ônibus já se distancia muito do controle que ele parecia ter de suas atitudes. Neste momento, além de estar distante de sua rotina – uma vez que não fazia aquele trajeto todos os dias – Olívio passa a não reconhecer os lugares como determinados. As praças poderiam se confundir umas as outras, as ruas poderiam mudar de lugar, e até mesmo as pessoas poderiam ser responsáveis pelas mudanças que o ambiente ali lhe impusera.

Embora a dinâmica vivida por Olívio se assemelhe a de um *flâneur* – indivíduo que Baudelaire afirmava ser capaz de encontrar na multidão e no infinito das cidades a imagem de si mesmo – o personagem não tem absoluto controle do que se passa a sua volta. Cada um dos elementos que compõe aquela paisagem urbana transforma-se de definidos em indefinidos. Aquela rua passa a ser uma rua e assim por diante.

A desconexão com o cotidiano de Olívio continua até evoluir em mudanças que serão fatais em sua vida. No trecho abaixo, o sintoma de ausência de controle já se faz presente e passa a começar a incomodar o personagem:

O ponto cheio fazia sua tarde mais pesada. Tantas pessoas e todas estranhas. Todas externas. Se sentia cada vez mais distante, apesar de saber que era justamente como eles. Apesar de saber que era apenas mais um, se sentia distante por não conseguir fazer parte. E se sentir tão estranho, tão estranho, entre aqueles que deveriam ser iguais, exatamente iguais. (NAZARIAN, 2003, p.54)

As indagações de Olívio já demonstram que o lugar que ele ocupa já não é mais o lugar onde sempre esteve. Somos apresentados aqui a impossibilidade de se reconhecer como igual e até mesmo a incapacidade de se chegar à neutralidade que se desejava. Tais características representam a última curva realizada por Olívio antes deste se perder-se de si mesmo por completo.



Tal dinâmica de inversão de reflexões tem início no momento em que Olívio conhece Joel, um bilheteiro de cinema responsável por apresentar Olívio à prostituta com quem o protagonista se relacionaria mais tarde. Vejamos abaixo o diálogo realizado entre os dois no qual Joel convida Olívio a ir ao prostíbulo:

“Trabalho desde os catorze. Dou uma força para a família e descolo uma grana. Meu tio tem três cinemas desses. Tem também uma sauna e um puteiro aqui perto. O Vegas. Já foi?”

“Não. Não curto esses lugares.”

“Ah, mas o Vegas você ia adorar. É muito legal. Conheço todas as minas de lá. Uma mais gostosa que a outra. Também tem show. Tem até strip. Até eu fiz strip lá, no meu aniversário, hehehe.”

“Você também trabalha com essas coisas... com esses clientes?”

“Quê? Eu? Eu sou espada, cara! Fiz só de brincadeira. As putas todas ficaram em cima de mim. Você precisa ver só. Tenho que te levar lá qualquer dia”. (NAZARIAN, 2003, p.54)

O diálogo entre os personagens nos permite observar a maneira como Olívio se refere a imagem de Joel e também aos lugares que ele frequenta. É possível observamos que há na fala do protagonista um certo pudor ou moral quando este se dirige aos modos propostos por Joel... “Não curto esses lugares... Você também trabalha com essas coisas”. De imediato reconhecemos um imenso julgamento de valor proposto por Olívio. Nesse momento se faz presente um discurso de valores e mecanismos providos por concepções que se afirmam e que pretendem dar conta de uma única realidade. De uma só verdade.

Entretanto, toda a possível cautela que Olívio teria desenvolvido no contato inicial com Joel, deixa de ser um problema num momento posterior. Após ambos terem ido ao prostíbulo, o protagonista resolve sair de lá acompanhado de duas prostitutas e de Thomas – um escritor que conhecera dentro da boate e que os convidara para terminar a noite em seu apartamento. Ao sair de lá, as reflexões de Olívio já se mostram completamente fora de controle:

Olívio já não estava mais certo de si mesmo. Perdera o controle de sua ordem. Hora após hora. Gole após gole. Se afastava do Olívio que saiu de casa e deixou o trabalho. Se afastava das roupas limpas e do irmão caçula. Se afastava dos escos do seu apartamento vazio e de sua garrafa virada. Do seu amor frustrado. De seus dedos



fechados. Da certeza e da segurança que um dia ele achou que tinha. Um dia ele achou que tinha. (NAZARIAN, 2003, p.65)

Neste momento começamos a caminhar para a segunda linha de pensamento proposta neste trabalho. Seria a desconexão de Olívio uma alternativa para se viver no mundo tão fechado proposto pela primeira imagem que tivemos do personagem? Será que descoberta da impossibilidade de uma certeza tão fechada em si não é responsável por fazer Olívio enxergar o mundo onde vive e as pessoas a sua volta de outra maneira?

Reviravolta

O despertar de Olívio na casa de Thomas leva o protagonista quase à loucura. Vanessa, a prostituta com que dormira naquela noite, é encontrada morta por Thomas no banheiro do apartamento. Diante dessa situação, Olívio passa a se perguntar por que e como tudo aconteceu. É o primeiro momento no romance em que observamos a vida de Olívio não ser narrada exclusivamente por afirmações:

Olívio começava a reavaliar sua memória. Quem sabe. Quem sabe. Quem sabe como as coisas aconteceram realmente. Quem dormiu com ele. Onde ele dormiu. Onde estavam suas roupas. Para onde foi Joel. O que aconteceu com Vanessa. Quem dormiu com Natasha? Quem era aquele jovem que se chamava de escritor? (NAZARIAN, 2003, p.70)

A partir dessas reflexões de Olívio podemos observar a maneira pela qual o personagem passa a se portar. Aquele que até então tivera absolutas certezas na vida é posto de frente com uma situação com a qual ele mal consegue lidar. A ausência de respostas e de sentido transforma por completo a personalidade desenvolvida por Olívio, levando este a olhar para o que nunca antes merecera sua atenção: aqueles que estão a sua volta e que são responsáveis pelo lugar que ele passou a ocupar naquelas circunstâncias.

Decorre daí uma busca incessante do personagem em entender os fenômenos que se passaram. O primeiro da lista a ser contatado é Joel, pois na



cabeça de Olívio, o bilheteiro do cinema poderia lhe dar mais esclarecimento sobre a noite e também sobre a morte de Vanessa. No entanto, no segundo momento em que o protagonista cruza com Joel, a relação entre os dois personagens já não se dá da mesma maneira. Após ter perguntado a Joel sobre o Thomas, na tentativa de entender qual era a relação do escritor com tudo o que acontecera, Olívio recebe a seguinte resposta: “Não simpatizei com ele. Apenas trato bem os clientes. Ele estava pagando nossas bebidas. Agora me deixe trabalhar, este é o meu trabalho”. (NAZARIAN, 2003, p. 111).

A partir daí vemos que a relação que anteriormente fora estabelecida por desconfiança e desdenho por parte de Olívio é, a partir de agora, tomada pela inversão de papéis. Enquanto Olívio procura saber as respostas para suas perguntas e tenta dar sentido aos eventos que vivera, Joel o trata com desprezo, alegando que precisa voltar ao trabalho.

Nessa dinâmica podemos ver o quanto a ideia de uma marginalização se estabelece na figura de Olívio. Sua aparente insatisfação com os acontecimentos que o rodeiam passa a incomodar as pessoas que estão a sua volta. Ele passa a ser visto como aquele que está fora da ordem, que impede o rolar dos dias, que não se adapta aos modos de viver daqueles que ali estão.

Eis aqui mais uma constatação que reforça a segunda linha de pensamento proposta neste artigo. A ideia de anormalidade ligada à marginalização pode questionar os valores e mecanismos vigentes da ordem de grupos dominantes. Enquanto num primeiro momento parecia ser fácil afirmar que todos os valores da indiferença e da monotonia de Olívio eram regras gerais de uma nova época, a segunda fase de Olívio vem justamente questionar os valores que ela estabeleceria.

Esta relação pode ser vista também no momento em Olívio convida um amigo para ir ao prostíbulo tentar encontrar as respostas para suas questões. Dirceu trabalhara com Olívio no escritório e tinha sido demitido há pouco



tempo. Naquela época era Dirceu que convidava Olívio para sair e também para se relacionar com diversas mulheres: “E falava que Olívio precisava viver melhor a vida. Olívio precisava conhecer melhor as mulheres. Olívio precisava conhecer melhor o mundo na companhia de Dirceu”. (NAZARIAN, 2003, p.23)

Só que dessa vez o convite partira de Olívio. E bem diferente daquele período em que Dirceu era a voz ativa dessa parceria, o amigo de Olívio agora se reservara de um modo que surpreendera o protagonista. Dirceu passara a recusar as mulheres do prostíbulo defendendo o amor por sua noiva, Adelina: “É...mas a verdade é que encontrei uma menina especial, Olívio. Estou noivo”. (NAZARIAN, 2003, p. 113)

Assim como Joel, Dirceu assume uma posição inversa a que tinha antes. Toda a ideia de anormalidade e de marginalidade é posta na figura de Olívio. E depois, até mesmo Thomas dirá a Olívio para que este interrompa as atitudes de tentar entender o que houve, pois a sua vida precisa continuar.

Diante de todos esses movimentos é possível observarmos como a relação de marginalidade pode deixar entrever, assim como nos textos fantásticos, uma possível ordem estabelecida de antemão. Sob esta ótica, temos que a relação monótona e indiferente de Olívio não constituía problema nenhum, pois ela não perturbava ou incomodava a rotina de mais ninguém. A partir do momento em que o incômodo do outro passa a romper esta perspectiva, a recepção de qualquer novidade ou mudança de estrutura será completamente rechaçada de todos os ambientes nos quais a ordem dominante e a rotina se estabelecem.

O movimento de mudança de Olívio nos leva novamente à reflexão desta vida tida como fora da ordem. A busca ou procura por um objeto qualquer, uma vez que a vida não lhe faz mais sentido, não se mostraria interessante ou fugaz que a vida vivida anteriormente pelo personagem? A



busca por respostas não serviria assim para tornar mais dinâmica a vida do personagem?

Se para Olívio as respostas destas questões parecem não aparecer, para nós, cada etapa deste percurso parece propor diversas observações importantes. E possível compreendermos que toda a trajetória de mudança do personagem nos permitiu visualizar como muitos argumentos e posições inquestionáveis na sociedade se tornem frágeis quando vistos sobre outra perspectiva. Pudemos observar que a marginalização, quando mostrada em percurso completo, nos faz refletir exatamente sobre onde começam nossos preceitos também onde eles se mostram mais frágeis.

Barbárie Civilizada

O final do livro de Santiago Nazarian seleciona um final típico de muitos romances. Após ficar sem respostas para tantas questões e retornar completamente cansado ao apartamento de onde havia saído há dois dias, Olívio encontra com Rosalina. A última parte do livro, intitulada A roupa passada, traz o recomeço da rotina como solução, ou não para a vida do protagonista, tendo Rosalina como a responsável por encerrar este ciclo:

Olívio viu a trouxa de roupas sujas ao lado da cama. “Não posso esquecer de levar para a lavanderia” Já se fazia sábado. E o fim de semana começara com mais nada para se preocupar. “Não se preocupe. Deixe que eu lavo pra você.” (NAZARIAN, 2003, p.139)

A última frase de Adelina parece recomeçar um ciclo. E se para muitas pessoas esse desfecho possa representar apenas uma constatação que a vida urbana precisa retomar a violência da indiferença para continuar, é possível visualizar – a partir deste trabalho – que tal recomeço sirva justamente a colocar na balança quais são as melhores maneiras se levar a vida na presente era.



Sendo assim, podemos concluir que a linha entre a indiferença pós-moderna e o questionamento vindo pela marginalização dos indivíduos podem representar uma linha muito tênue nos caminhos da vida. O cotidiano interminável e a entrega às condições marginais nas relações sociais podem ser duas formas de se (não) viver.

Referências

- BASTOS, Hermenegildo José. “**Literatura e colonialismo**: rotas de navegação e comércio no fantástico de Murilo Rubião”. Brasília: Editora UnB, 2001.
- BAUDALAIRE, C. **Le Peintre de la vie moderne**. Paris: Fayard, 2010.
- BRITO, M. R. **A danificação da Formação a partir de Nietzsche e Adorno**. Fermentario, v. 6, p. 01, 2012
- LIPOVETSKY, Gilles, **A Era do Vazio**. Lisboa: Relógio D’Água, 1989
- NAZARIAN, S. *Olívio*. São Paulo,: Talento, 2003.
- SAFATLE, V. P. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. Sao Paulo: três estrelas, 2012. v. 1.
- SAFATLE, V. P. **O pós-modernismo nunca existiu**. Revista Carta Capital. São Paulo. Publicado 10/06/2012.

